

## ACÊRCA DA “QUESTÃO FRANCISCANA” NA IDADE MÉDIA.

(Um esboço para o estudo da luta dos Espirituais a fim  
de conservar os princípios originais de São Francisco).

---

NACHMAN FALBEL

Licenciado em História pela Universidade de  
Tel-Aviv — Bar Ilan.

### I. — A VIDA DE SÃO FRANCISCO E A FUNDAÇÃO DA ORDEM.

São Francisco nasceu em 1182, na cidade de Assis da Úmbria, região pouco fértil e pobre em riquezas naturais. Era descendente de uma família de comerciantes de tecidos, os Moroconi de Luça, da qual pouco se sabe, além de sua origem provençal, fator que leva a influenciá-lo no amor à língua e o cantar desta região. As fontes biográficas mencionam que gostava de cantar e compor em provençal,

“gallice cantabat” (1).

Também seu pai, Pietro di Bernardone, como comerciante que viajava constantemente pela França, bem como sua mãe, de origem francesa ou provençal, devem ter influido na educação francesa de Francisco. A verdade é que a literatura trovadoresca provençal estava difundida na Itália, a partir do século XII (2), e desempenhava seu papel na formação do jovem de “boa família” da época. Uma mescla de espírito cavalheiresco e de *jongleur* poder-se-á encontrar na personalidade adolescente do futuro fundador da Ordem. Autores levaram esta faceta do franciscanismo ao extremo, afirmando a influência do espírito da cavalaria e mesmo vendo São Francisco como um cavaleiro medieval que promete defender o cristianismo e que santifica os seus ideais — *sancta obedientia, sancta pauperitas* — a fim de cumprí-los a risca e irrevogavelmente. Esta tendência historiográfica que visa

---

(1). — *Speculum perfectionis*, VII, 93.

(2). — V. *Bibliothèque de l'école des Chartres*, 1841-1843: artigo “Le la poésie provençale en Italie”, par M. C. Fauriel p. 23.

romantisar a Idade Média (3) não se enquadra na realidade histórica medieval e muito menos na da ordem franciscana e seu desenvolvimento posterior. Ela no máximo generalizará com frases dêste tipo:

*S. Francis's life was not composed by its circumstances: nor was its effect limited to the thirteenth century*". (p. 433 V. 1).

A juventude de São Francisco é descrita como leviana, abundante, sem o conhecimento da pobreza e do sofrimento. Passa seu tempo entre amigos, em festas e tabernas. O jovem esbanjador, que conquistava amigos com alegria ruidosa e dádivas aos pobres, tornou-se uma figura popular na vida da cidade, para vergonha de seu pai que via no filho a negação de sua dignidade de comerciante. A descrição do rompimento entre pai e filho, levando-o a rejeitar a herança material em termos incisivos é parte de sua biografia tradicional. O grande acontecimento ocorreu na pequena Igreja de São Damiani, nos arredores de Assis. São Francisco orava com fervor frente a grande cruz bizantina:

"Meu Senhor, eu te imploro para iluminar e afastar a escuridão de minha alma".

Da cruz veio a resposta consoladora:

"Vá, e reconstrua a minha casa que se encontra em ruínas".

Devido a forte impressão que lhe causaram estas palavras, dirigiu-se imediatamente ao depósito de seu pai, carregando algumas peças de tecido no seu cavalo, vendendo-as em Foligno. Ao voltar a São Damiani encontrou o ancião que cuidava do lugar e lhe entregou o dinheiro para o trabalho de reconstrução. O ancião receioso recusou-se a aceitar o dinheiro. São Francisco então jogou o dinheiro com desprezo em um canto onde havia uma caixa e pediu ao ancião que lhe concedesse viver ao seu lado. O ancião permitiu. Entretantes o pai voltou a Assis e sabendo do que se passava reuniu seus parentes e amigos e desceu irado a São Damiani para encontrar o filho desavergonhado, mas São Francisco se escondeu em uma gruta e, durante um mês, entregou-se à oração, ao jejum e às lágrimas. Por fim, resolveu enfrentar os seus perseguidores. Pietro Bernardino o deixou prêso, exigindo que abandonasse os seus propósitos. Tendo o pai viajado a negócios, Dona Pica, condoida pelo filho, libertou-o e permitiu que voltasse a São Damiani. Com a volta do pai, nôvo escândalo. Desta feita, o pai recorre aos juizes, mas como

---

(3). — Taylor (H. O.), *The mediaeval mind*, New York, 1919 V. 1 cap. XIX "His life appears detached from the special conditions of his time: it neither held within them nor compelled by them, but only by its *inner impulse*" (p. 432).

São Francisco estava sujeito à lei divina, somente restava recorrer ao bispo. O revoltado se apresenta perante os acusadores, que exigem a restituição do dinheiro roubado. Para que não receba nada da herança de seu pai, despe as roupas que usa neste momento e as atira aos pés de Bernardone, dizendo em sua nudez as seguintes palavras:

“Ouçam e compreendam! Até agora chamei a Pietro Bernardone, meu pai. Porém, agora posso dizer: Pae meu que estás no Céu”.

E o bispo, como sinal de adoção, cobriu-o com seu manto.

No ano de 1202 irrompeu a guerra entre Assis e Perúgia e Francisco, que servia nas fileiras do exército de Assis, caiu prisioneiro do inimigo, permanecendo cêrca de um ano no cativeiro. Ao voltar, após um período de doença grave, passa a dedicar-se aos pobres e à oração. A sua atenção especial era para com os leprosos, excluídos da sociedade medieval. Aqui começa o processo de conversão com as suas etapas de sofrimento até chegar à *gratia* e à *iluminatio*. Em 1206, ocorre a cena de São Damiani. São Francisco resolve reconstruir também a Santa Maria dos Anjos com a ajuda de amigos que conquistou para esta finalidade. Ele e seus amigos iam de porta em porta esmolando para adquirir as pedras necessárias à reconstrução das igrejas. Dai passarem a ser considerados “mendicantes”, que viviam da comida recebida nas portas das casas. Este foi o primeiro núcleo da Ordem.

Desde o ocorrido em São Damiani, Francisco entregou-se ao serviço da religião e fêz da pequena igreja da Porciúncula o centro de atividade sua e de seus companheiros. No dia 24 de fevereiro de 1209, na festividade de São Mateus, ao orar ouviu as palavras do Evangelho:

“Pondo-vos a caminho, pregai que está próximo o reino dos Céus. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, limpai os leprosos, expeli os demônios; de graça recebestes, de graça dai. Não vos provereis de ouro nem de prata, nem de cobre nos vossos bolsos; nem de alforge para o caminho, nem de duas túnicas, nem de calçado, nem de bordão; pois digno é o trabalhador do seu alimento. Em qualquer cidade ou aldeia em que entrardes, indagai quem nela é digno;...” (Mat. 7-11).

Ao ouvir estas palavras, resolveu vivê-las. Nelas estavam contidas os princípios essenciais da futura Ordem. São Francisco jogou fora suas sandalias e seu bastão e, em lugar de cinto, servia-se de uma corda, vestindo uma camisa de lã grosseira. E, juntamente com seus companheiros, pôs-se a caminho. Naqueles dias um comerciante rico, Bernardo de Quintavalle, desfez-se de todos seus bens, dis-

tribuindo-os entre os pobres e juntou-se ao grupo de São Francisco. Também o doutor em leis Pietro di Catani (mais tarde “geral” da Ordem) agregou-se ao grupo, bem como um jovem camponês, Giles. São Francisco organizou missões no centro e norte da Itália, de modo que a Ordem expandiu-se rapidamente da Úmbria a Torcana e demais regiões vizinhas. Aos pares saíam para as diversas regiões, a fim de conquistar novos discípulos, voltando após algum tempo a Porciúncula para viverem juntos. Quando Porciúncula tornou-se pequena para conter os novos irmãos que agregaram-se ao grupo, passaram todos para um novo lugar, não muito longe do outro, em Rivo Torto.

Em 1209-1210 São Francisco visitou Roma e pediu a Inocêncio III a concessão e o reconhecimento papal, para poder pregar às multidões e viver de acordo com os princípios da Ordem. O papa, com sagacidade, concordou em reconhecê-los oficialmente. Ao voltarem de Roma todos já se chamavam de *fratres minores* (Mateus, 25, 40-45) (4).

Muito significativa é a lenda que relata a indecisão de Inocêncio III em reconhecer a Ordem, mas ocorreu, de acordo o relato, que o papa naquela mesma noite teve um sonho, no qual, a igreja de São moronar. No mesmo instante surge um homem e coloca o edifício no seu lugar. Inocêncio reconheceu Francisco como sendo esse homem. No encontro seguinte, o papa dava o seu beneplácito à Ordem, abraçando e abençoando os presentes, aconselhando-os a pregarem a palavra de Deus. O cardeal J. de São Paulo, amigo de Francisco, e que fôra quem o apresentara ao papa, é que lhe fez a tonsura como sinal de reconhecimento oficial por parte da Igreja.

Em 1212 uma senhora aristocrática de Assis, Clara, acatava os princípios de São Francisco e fundava em São Damiani uma ordem feminina, reconhecida também por Inocêncio III.

Ao transformarem Santa Maria dos Anjos em centro da Ordem, foram agregados novos membros, que iriam desempenhar um papel importante em sua história. Entre eles destacamos Leo, Rufino, Janiper, Maseo, todos homens simples e humildes, cheios de alegria, amor e bondade. As primeiras fontes, como a *Legenda Trium Sociorum*, a *Legenda Antiqua*, *Fioretti* e *Speculum Perfectionis* narram a atmosfera original que emanava da Ordem nos seus primórdios. Os irmãos viviam em grupo íntimo ao redor da figura central, como se fôsem um *aureola seráfica*, no dizer de um autor.

\*

(4). — Algumas fontes relatam que em Roma São Francisco ficou sensibilizado ao ver mendigos frente à igreja de São Pedro, acabou desfazendo-se de sua roupa e mendigando para distribuir aos pobres. A descrição parece insinuar as intenções reformistas dos ideais franciscanos.

## II. — OS PRINCÍPIOS FRANCISCANOS E SEU TEMPO.

A fim de ganharem o seu sustento, os primeiros irmãos trabalhavam em tarefas agrícolas, auxiliando os camponeses nas colheitas e demais serviços.

Também trabalhavam nas casas da burguesia urbana, recebendo em troca somente gêneros alimentícios, os quais, não bastando, levava-os a sair para mendigar. De outro lado, ajudavam os leprosos em casas construídas para o confinamento desses enfermos. Nesta comunidade de apóstolos da humildade, São Francisco era o espírito vivo e a figura central, que irradiava a fé que os animava em seu modo de vida. Uma vida cenobítica, de oração e amor às criaturas e à natureza, sem distinguir o animado do inanimado. No centro dos ideais franciscanos encontra-se a pobreza absoluta. A grande aspiração de São Francisco é imitar a vida dos primeiros apóstolos. Em sua visão religiosa, vê o Cristianismo como uma religião de pobres e humildes, encarnada na vida dos apóstolos e de Cristo. A riqueza material, a propriedade, os bens, são vistos como obstáculos na consecução da vida eterna e da divindade. O instinto de acumular bens terrenos é que faz o homem fracassar no caminho do Bem. Livrar-se desse instinto, superá-lo e viver uma vida de pobreza é a verdadeira palavra de ordem divina, ao verdadeiro cristão. A pobreza, assim, é colocada como finalidade em si, condição indispensável da verdade cristã, conforme foi anunciada por Cristo e os Apóstolos. *Sancta pauperitas* e *domina pauperitas*, são as expressões dominantes nas primeiras fontes e na boca dos primeiros discípulos da Ordem (5). No “Testamento”, escrito em setembro de 1226, em Santa Maria dos Anjos, vemos o princípio da pobreza absoluta claramente afirmado:

... “And we are content to live in abandoned churches and to be looked on as ignorant and subject to all men. And I myself work with my hands and wish to do so; and it is my firm intention that all brothers should work in some honest occupation. Those who do not know a craft must learn, not in order to mak a profit from their work, but to set a good example and to avoid idleness. And whenever we are not giver our due wages for work, let us approach The Lord’s Table and seek alms from door to door: The Lord has revealed to me that we should use this greeting. The Lord gives you peace”. Let all brethren beware of accepting churches, houses, or anything else provided for them unless they conform to Holy Poverty, to wich we are vowed in our Rule, always lodging” as strangers and pilgrims”... (6).

(5). — *Fioretti*, edição espanhola. Espasa-Calpe, 1957, cap. VI, p. 35; cap. XIII, pp. 45, 46; cap. XVIII, p. 54; cap. XX, pp. 57, 58; cap. XXXII, p. 79; cap. XXXVI, p. 83, etc.

(6). — *The little flowers of Saint Francis*. Penguin Classics, 1959.

O Testamento será objeto da polêmica, que eclodirá mais tarde, sobre a sua validade na afirmação dos princípios franciscanos, tal como a Regra ou não. O próprio Testamento responde a questão quando diz:

“Let them keep this Testament always with them, together with the Rule, and at every chapter that they summon, when they read the Rule, let them read these words as well”.

O capítulo 15 da *Vita Prima* de Thomas de Celano, uma das fontes biográficas importantes, refere-se ao grupo de seguidores de São Francisco como

“Sectateurs de la sainte Pauvreté, ils ne possédaient rien, et n’avaient aucune crainte de perdre quoi que se fût, parce qu’ils n’étaient attachés à rien”.

Em resumo, não se pode separar na concepção franciscana a essência da religião cristã da pobreza absoluta. As primeiras Regras apontam a obrigatoriedade do franciscano em não possuir nada individualmente, bem como a comunidade ser destituída de todo bem material (7). São Francisco no Testamento dirá:

“Ninguém, mostrou-me o que fazer, mas êle mesmo, nosso Senhor que está nos Céus, revelou-me que devo viver segundo o Santo Evangelho”.

O segundo eixo ao redor do qual giram os ideais franciscanos constitui o amor. O amor, a *sancta pauperitas*, leva o amor aos pobres e daí a toda criatura, pequena ou grande, existente no universo. Esta aspiração ingênua, e ao mesmo tempo sublime, visa a harmonia, entre os homens, entre o homem e a sociedade, e entre o homem e a divindade. A humildade, a caridade, a simplicidade, são as qualidades que fazem parte do espírito franciscano primitivo. Daí, o ideal levar à crença que o universo é criação divina e, portanto, santificado à divindade. A crença na divindade obriga o amor a sua criação, assim como o amor a criação é por sua vez o verdadeiro culto a divindade. Salta à vista a idéia panteísta que se esconde sob esta forma de interpretar a fé cristã.

No final das contas a divindade identifica-se com sua criação, ou seja a natureza (8). As fontes abundam em descrições de São

---

(7). — O debate acerca da pobreza, como elemento da fé cristã, antecede em muito o franciscanismo. Exemplo ilustrativo se encontra na interpretação dada por Santo Agostinho com a expressão “pobres de espírito”, do Evangelho.

V. S. Agustinus, *De Sermone Domini in Monte*. Tradução espanhola, Emecé, Buenos Aires, 1945.

(8). — Todo o *Laudes Creaturarum*, ou o Cântico do Sol, reflete este espírito.

Francisco falando com o “Irmão Lôbo”, os “irmãozinhos pássaros” (9).

O amor franciscano também leva a duas direções, por um lado o vêr na razão (*ratio*) e na sabedoria (*scientia*) qualidades não necessárias para se chegar ao conhecimento da divindade e da verdade religiosa. A fé nesse caso é colocada sob um ângulo místico, em oposição ao racional. De fato, pensadores franciscanos na Idade Média foram grandes representantes do pensamento místico medieval. Por outro lado, identificar-se com a criação e suas criaturas, leva ao seu conhecimento e estudo. Com o desenvolvimento posterior da Ordem, os franciscanos penetrarão nas Universidades e cristalizarão uma filosofia cujos fundamentos estão associados a ideais básicos do movimento. Bonaventura (*doctor seraphicus*), que foi discípulo de Alexandre de Hales e geral da Ordem, acentuou que a filosofia e a razão não se encontram como fundamentos da Teologia e nem do conhecimento da divindade, mas somente no caminho que aproxima a alma da divindade. Em outras palavras, o pensamento filosófico é significativo, como uma das fases que se situam entre a crença na divindade e o seu conhecimento adquirido pela contemplação mística. Temos assim a possibilidades da crença passar à razão, porém desta à contemplação mística. Há sem duvida determinada influência neoplatônica que se une com o espírito franciscano, que nos permite compreender por sua vez a luta que se travará com os dominicanos que adotaram a filosofia aristotélica.

A segunda tendência no conjunto das idéias franciscanas leva à observação da natureza. Daí, a posição nominalista típica dos filósofos franciscanos, já que o amor ao universo (universo da divindade) e suas expressões infinitas leva à exclusão dos conceitos gerais (que são somente *nomina*) e vêr a Criação em cada “coisa” criada. Do Nominalismo, curto é o caminho para o conhecimento da natureza no sentido moderno, como se expressará Roger Bacon (10).

Apesar de tudo isto, não devemos esquecer que o movimento nos seus primórdios orientou-se de acôrdo com a primeira tendência. Êle era anti-intelectualista e tinha por fé redimir a Igreja e a humanidade por meio do amor à imitação do Evangelho (11). Em última instância, os ideais franciscanos visam a compreensão mútua entre as criaturas, a harmonia universal, a verdade religiosa do Cristianismo

(9). — Vide *Fioretti*, cap. XXI, p. 58; cap. XVI, p. 49.

(10). — E' oportuno dizer aqui que o Prof. Joaquim Barradas de Carvalho me chamou a atenção para o fato de Jaime Cortesão ter acentuado o papel do espírito franciscano no desenvolvimento das ciências relacionadas ao plano das grandes descobertas marítimas.

(11). — A posição anti-intelectual é bem expressa na V parte dos *Fioretti*, ed. sup. cit., cap. XIII, p. 210.

primitivo. Quando examinamos as condições da época, compreendemos o significado desta aspiração que teve expressão parcial e aproximada em outros movimentos próximos ao surgimento do franciscanismo.

Em certa medida, São Francisco e seu movimento se identificaram com outros movimentos de interpretação da verdade religiosa nos fins do século XII e durante o século XIII. Nos Países-Baixos vemos o surgimento dos *beghardos e beguines*, principalmente na região do Brabante e Flandres. Também na Itália e França surgiram movimentos que tinham por finalidade imitar a vida dos Apóstolos e que aspiravam o ideal da pobreza absoluta. Os *humiliati* foram aprovados em 1201, os *Pobres de Lyon*, fundado em 1170 por Pedro Waldo (dai valdenses), rico comerciante que distribuiu seus bens a fim de seguir o ideal da pobreza e outros. Os valdenses — mais tarde declarados heréticos, sofrendo portanto perseguições por parte das autoridades eclesiásticas — estavam espiritualmente próximos dos franciscanos. Por vêzes seus líderes saíram das fileiras da Ordem, particularmente quando começam as dissensões internas e o surgimento de facções antagônicas dentro dela. A figura central nesta época é a de Joaquim de Flora, que devido as suas interpretações das escrituras sagradas chegou a algumas conclusões declaradas heréticas. No ano de 1254 apareceu uma obra sob o nome de “Evangelho Eterno”, escrito por Joaquim com observações e interpretações suas, além de uma introdução supostamente escrita por Gerardo de Borgo S. Donino, ou de acôrdo com outros por João de Parma (franciscano da facção “espiritual” que foi também ministro-geral da Ordem). De acôrdo com Joaquim, o mundo deveria passar por três idades, ou seja: a). — o período do Pai, caracterizado pela lei e pelo mêdo; b). — o período do Filho (que se estenderia até o ano de 1260), caracterizado pela graça e pela fé; c). — o período de Espírito Santo, caracterizado pelo amor e o espírito. Este último período é o denominado *status monachorum*, pois se supõe que a humanidade viverá inteiramente em mosteiros. E’ inevitável, a seu ver, que cheguemos a imitar a vida dos apóstolos, de modo que não desejemos os bens terrenos, pois cada idade recapitula a primeira num nível superior. Cada idade dura 40 gerações, tendo um precursor e um iniciador. Na terceira idade a Igreja Romana será abalada, judeus e sarracenos serão convertidos. Esta terceira etapa iniciada por São Benedito, será orientada pelos *virii spirituales*, os monges que caracterizam, esta fase, como a espiritual. As idéias de Joaquim impressionaram a sua época e, sobretudo, a facção extrema da dos franciscanos. A concepção original, de que é necessária a vinda de uma nova revelação do Espírito Santo, visava diretamente a Igreja da época. Em 1260, um continuador das idéias mestras de

Joaquim de Flora, Gerardo Segarelli, de Parma, anunciava São Francisco como uma reconstituição fiel da vida de Cristo. Seus discípulos, os Irmãos Apostólicos, ou *fraticelli*, multiplicaram-se, espalhando-se pela Itália, França, Alemanha. Como a doutrina e o movimento foram declarados heréticos, sofreram perseguições contínuas, até que no ano de 1300 Segarelli foi capturado e morto. Frei Dolcino, discípulo e continuador de Segarelli, em suas profecias apocalípticas, afirmava que a Terceira Idade joaquimita tinha se iniciado com Segarelli. Na luta aberta de oposição à Igreja, foram exterminados pela cruzada organizada por Clemente V no ano de 1305. Muitos franciscanos “espirituais”, seguidores da seita, sofreram o mesmo fim.

\*

### III. — A EXPANSÃO DA ORDEM E A LUTA INTERNA.

Paralelamente à fundação da Ordem feminina das Clarissas (Santa Clara) em 1212, começou a grande expansão do movimento. Do ano de 1212 até 1219 os irmãos chegaram a todos os países da Europa para pregar o Evangelho. São Francisco que amava o isolamento, também participou de forma ativa em várias missões. Assim, foram enviados irmãos à Alemanha, França, Espanha, Hungria e à Terra Santa. Parece que a resolução de São Francisco de sair a conquistar almas, se fez após um período de dúvidas pessoais. A vida de isolamento em São Damiani, junto a seus companheiros, pareceu-lhe insegura quanto ao futuro do movimento. Os *fioretti* narram que São Francisco mandou consultar Santa Clara e o irmão Silvestre, e estes foram acordes em que São Francisco devia sair para conquistar almas (12).

A Ordem cresceu gradativamente e São Francisco é obrigado a fixar encontros anuais a fim de debater as questões relacionadas com o movimento. Nêstes encontros anuais vinham irmãos de tôdas as partes, que se reuniam na Porciúncula. O capítulo decisivo na história da Ordem foi o de 1217, que reuniu cerca de 5.000 irmãos. Esta assembléia foi presidida pelo Cardeal Ugolino, amigo de São Francisco e que teve um papel importante no desenvolvimento futuro da Ordem. Foi resolvido nesta assembléia dividir o mundo franciscano em províncias, que deveriam ter à sua frente ministros provinciais. Outra resolução importante foi a de enviar missões fora da Itália. O próprio São Francisco se dispôs ir a França, mas Ugolino o convenceu a ficar na Itália a fim de cuidar da administração da Ordem. O irmão Pacífico é que foi enviado para fundar a primeira comunidade em Paris.

---

(12). — *Fioretti*, cap. XVI, p. 49.

Além disso, São Francisco aspirava pregar, no Oriente, aos muçulmanos. Quando em 1212 viajou para a Síria, uma tempestade fêz fracassar os seus intentos. O navio foi atirado às costas da Dalmácia e São Francisco foi obrigado a retornar. Outra vez, em 1214, São Francisco escolheu como lugar de sua missão o Marrocos, com a intenção de converter o sultão, mas ao chegar à Espanha adoeceu e foi obrigado a voltar a Porciúncula.

Em 1219 realizou-se o grande capítulo, que resolveu oficialmente o envio de missionários aos países muçulmanos (13). São Francisco deixou na Itália dois irmãos, Gregório de Nápoles e Matias de Narni que deveriam administrar a Ordem com o título de vigários-gerais. São Francisco chegou ao Egito onde, segundo a narrativa, encontrou-se com o sultão Melek-el-Kamel, que permitiu-lhe pregar aos muçulmanos, sem nenhuma consequência prática. Passou depois a Aco (São João d'Acre) e permaneceu na Terra Santa algum tempo, junto com seu companheiro Pedro de Catani. Um dia veio a êle um irmão que saíra secretamente da Itália relatando que a Ordem estava sofrendo um abalo. Os vigários-gerais introduziram inovações que contradiziam o espírito franciscano e que impunham aos irmãos autoritarismo exagerado. Os dois vigários-gerais parece que tomaram medidas que tinham por intenção transformar a Ordem à semelhança de outras. O capítulo de 17 de maio de 1220 tomou resoluções, na ausência de São Francisco, que se opunham ao espírito da Ordem. Também um irmão, Filipe-o-jovem, zelador das clarissas, pediu ao Papa autorização para reprimir os inimigos da Ordem. Também um irmão, João de Compello, reunindo um grupo de leprosos, e escrevendo uma regra, teve a intenção de fundar uma nova ordem, dirigindo-se ao Soberano Pontífice para sua aprovação. Perturbado, São Francisco deixou a Terra Santa, apressadamente, junto com os irmãos Pedro de Catani, Elias de Cortona e Cesário de Espira. Quando São Francisco desembarcou em Veneza em 1220, encontrava-se em más condições de saúde. Resolveu visitar vários lugares da Ordem, encontrando em Bolonha um movimento em desenvolvimento que contrariava o ideal da pobreza. Os irmãos nesta cidade estavam localizados em uma casa grande e luxuosa e se ocupavam de altos estudos. São Francisco reagiu de forma drástica e obrigou os irmãos a abandonarem a casa e amaldiçoou o provincial Giovanni di Staccia. Nesta ocasião o cardeal Ugolino, tentou apaziguá-lo. São Francisco foi a Roma, onde o Papa lhe concedeu a Bula que obrigava a um ano de noviciato aos que ingressassem na Ordem (14).

(13). — A Bula de 11 de junho de 1219, *Cum dilecti filii*, endereçada a todos os prelados, serviu de certa forma como salvo-conduto aos franciscanos. Cf. Paul Sabatier, *Vie de S. François d'Assisi*, ed. lib. Fischbacher, Paris, 1928 (?) p. XCII.

(14). — *Bula Cum secundum* (22-9-1220).

Também pediu ao Papa para designar Ugolino como o seu conselheiro pessoal. Até onde Ugolino fôra um dos culpados da situação criada na Ordem ainda permanece uma incógnita, que a pesquisa histórica deverá revelar. Mas a sua posição de príncipe da Igreja o levava a encarar a situação reinante na Ordem de modo bem mais condescendente que a dos irmãos queixosos e a do próprio São Francisco.

Ugolino estava presente no capítulo de 29 de setembro de 1220 e atuou como intermediário entre São Francisco e os ministros gerais. Estes últimos pediram ao cardeal para convencer São Francisco que aceitasse em receber o regulamento de uma das Ordens existentes, a dos beneditinos, agustinos ou a de São Bernardo. Em outras palavras, pediam um regulamento que permitisse uma forma de vida estável em conventos, como a das ordens acima enumeradas. São Francisco não aceitou estas sugestões, que afastariam a Ordem do ideal da pobreza e simplicidade. Porém, era sentida a necessidade de uma regra, mormente quando São Francisco viu que não podia mais governar e orientar o movimento. Foi designado Pedro de Catani para substituí-lo e São Francisco retirou-se para elaborar uma nova regra, com a ajuda de Cesário de Espira.

No capítulo de 1221, foi apresentada a Regra por São Francisco e parece que esta não foi recebida com entusiasmo por seus participantes. Entre outras coisas a regra visava definir a autoridade do capítulo e dos ministros. Nêste mesmo capítulo, devido a morte de Pedro de Catani (15), foi designado Elias de Cortona, que organizou novas missões a Alemanha e outros países da Europa. Nesta época, poucos anos antes da morte de São Francisco, 13 províncias foram fundadas e a última dentre elas, foi a Inglaterra em 1224. Depois, aumentaram para 32 e antes de 1272 já havia 34 (17 cisplatinas e 17 transalpinas).

Ugolino, que não participou no capítulo de 1221, recebeu as queixas dos ministros sobre a regra preparada por São Francisco, a ponto de se dirigirem a êle para se dar uma nova redação à mesma. Ao terminar esta redação, entregou-a a Elias para estudá-la.

Quando São Francisco pediu para que lha devolvesse, Elias alegou que a perdera. São Francisco voltou novamente ao trabalho de redação e ao terminá-la apresentou-a ao capítulo de 1223, não evitando as discussões e divergências dos participantes. Enfim, em 1223, a regra foi aprovada oficialmente por Honório III com a bula *Solet Annuere* (16).

---

(15). — 10 de março de 1221.

(16). — De 29 de novembro de 1223.

São Francisco morreu em 1226, sendo santificado em 1228 por Ugolino, agora já Gregório IX. Elias construiu a basílica para receber futuramente o corpo de São Francisco, por ironia da sorte, contradiz o espírito e a crença de seu fundador. Parte dos irmãos reagiram violentamente contra tal atitude (Jean Parenti), mas pouco adiantou, pois o fato foi consumado. Em 1230 irrompeu a discussão sobre o "Testamento", ao mesmo tempo que sobre alguns pontos da regra referentes à pobreza. A discussão foi, depois, levada ao julgamento de Gregório IX, que declarou na bula *Quo elongati* que o "Testamento" não recebera a aprovação de capítulo-geral, portanto não havia obrigatoriedade na sua observação. Também o Papa modificou a regra no sentido de que os frades pudessem usar agentes para dirigir assuntos financeiros da Ordem, permitindo com isto o uso do dinheiro para as necessidades dos irmãos, ou seja para móveis, livros, etc. De qualquer forma não ficou claro a quem pertenciam estes bens, afora as casas que deveriam permanecer teoricamente em mãos dos seus próprios doadores. A declaração de Inocêncio IV de 1245 permitiu recolher dinheiro, não somente para as necessidades vitais dos irmãos em particular, mas em benefício da comunidade em geral, o que leva a definir a Igreja como a proprietária das terras, construções e coisas usadas pelos frades. Assim, as propriedades saíram das mãos dos doadores para passarem para as mãos da Igreja.

No capítulo de 1232, como uma espécie de *coup d'état*, Elias foi declarado como ministro geral da Ordem. Jean Parenti foi obrigado a se afastar. Sob a orientação de Elias o movimento sofreu um impulso enorme de expansão e crescimento (17). Novas missões são organizadas, e os franciscanos penetram nas Universidades como concorrentes dos dominicanos. Surge um grande grupo de teólogos e intelectuais no seio da Ordem, que atuam como professores nas Universidades, e que tem influência em assuntos da Igreja e do mundo laico. Podemos, assim, vêr na eleição de Elias como ministro-geral, a vitória (18) da ala que não via na *pobreza* uma finalidade em si,

- (17). — Um levantamento estatístico sobre a fundação de conventos da Ordem na França no século XIII, tendo por base o trabalho de Richard W. Emery, *The Friars in Medieval France*, Columbia University Press, 1962, revela que foram fundados 229 conventos no decorrer desse século, isto é, franciscanos em relação às demais Ordens, era a maior ordem mendicante nesse período na França (não se fez o levantamento em outros países). Em segundo lugar, a estatística revela algo extraordinário. Enquanto a média de conventos, fundados até o ano de 1232, é 3 ou 4 por ano, no ano de 1233 foram fundados 18 conventos. Ora, Elias foi eleito em 1232, o que confirma a expansão enorme que teve a Ordem com o seu governo.
- (18). — Elias de Cortona é visto como traidor dos princípios da Ordem em alguns documentos da época, já não falando de documentos escritos por elementos pertencentes diretamente à facção dos Espirituais. Temos no *Fioretti* um exemplo ilustrativo no cap. IV; também o cap. XXXVIII fala sobre "como frei Elias estava condenado e devia morrer fora da Ordem".

mas que se apegou a ela somente na medida em que não interferia nas finalidades práticas da Ordem, como parte da instituição eclesiástica. E, devido a isso, também o estudo era mais importante do que a simplicidade. Em consequência, foram erigidas construções grandes e cômodas que eram mais apropriadas do que “choupanas sobre os montes” (símbolo da solidão e isolamento dos primeiros anos da Ordem). Os que se apegavam aos ideais primitivos, foram obrigados a abandonar suas aspirações e a refugiarem-se na contemplação passiva, mesmo porque eram perseguidos e sofriam as consequências amargas da luta interna existente na Ordem. Elias provocou a oposição dos extremistas devido à arbitrariedade de seu governo e, conforme foi acusado, o exagêro de seu nível de vida pessoal. Não reuniu o capítulo e enviava agentes com autoridade absoluta às províncias, que ofendiam e tiravam o prestígio e a autoridade dos ministros. Como incentivo aos estudos, preferiu muitas vezes laicos, em lugar de religiosos, na direção da Ordem.

O movimento de revolta estourou, então, contra Elias, sob a liderança de Haimo de Faversham (1240-1244) com o apóio das Universidades de Paris, e as províncias da Inglaterra e Alemanha. Gregório IX, que apoiou Elias, reuniu um capítulo em 1239 em Roma, e devido a pressão geral destituiu a Elias de seu cargo.

Agora o movimento recebera algumas modificações orgânicas, à semelhança da Ordem dominicana. Entre elas, o ministro-geral estava subordinado ao capítulo-geral, sendo Alberto de Pisa, provincial da Inglaterra eleito como o cabeça da Ordem. Ele foi o primeiro clérigo a assumir tal posição na Ordem e vemos que durante o mandato de H. de Faversham, seu substituto, o elemento clerical se fortifica cada vez mais a ponto de preencher os postos mais importantes.

Nêsses anos a Ordem estava claramente dividida em três facções: a). — os Espirituais ou *zelanti*, que exigiam a observação literal da Regra e do Testamento, opondo-se radicalmente ao desenvolvimento iniciado em 1219, que ao seu ver romperia com os princípios originais da Ordem. Tinham como meta a volta aos tempos iniciais, lutando contra tôda tendência no sentido de transformar a Ordem no modelo das demais existentes, opondo-se ao ingresso nas Universidades e a tudo que levasse ao afastamento do ideal da pobreza absoluta; b). — a ala dos que abandonaram tôda tentativa e esforço para conservar o princípio da pobreza franciscana e que se identificaram inteiramente com a “condição do mundo”; c). — a facção moderada, que abrangia grande parte da Ordem, e que argumentava que os franciscanos precisavam ser pobres e simples em seu modo de vida, mas por outro lado era preciso aceitar a evolução da Ordem, nos mesmos moldes das demais, o aumento de sua influência, o estímulo ao estudo da Teologia e ciências e sobretudo a participação nas Universidades.

Ao agravar-se a falta de disciplina interna quanto à pobreza, surgiram novas reações que levaram João de Parma (1247-1257) a ser eleito ministro geral (19). João de Parma pertencia à facção dos Espirituais e aquêles dentre êles que foram presos durante o mandato anterior identificaram-se com as teorias de Joaquim de Flora (capítulo II dêste trabalho) e quando o Papa excomungou o seu livro e acusou os seus discípulos como heréticos, João de Parma foi obrigado a se demitir de seu cargo. Foram dias difíceis para os Espirituais (20).

São Bonaventura (1257-1274) substituiu Joaquim de Parma e se inclinou para o caminho dos moderados, contra os extremistas de ambos os lados. Parte dos Espirituais, nêsses dias, dividiram-se, formando seitas que redundavam em novas heresias e, portanto, “receberam o devido tratamento por essa posição”.

São Bonaventura não se esforçou em especial de voltar às condições originais do movimento. De acôrdo com a resolução do capítulo de 1260, ficou estabelecido que as biografias anteriores de São Francisco deveriam ser destruídas e uma ação no sentido de apagar da memória as tradições originais do movimento que contradissem os ideais presentes. Em pouco tempo, conseguiu São Bonaventura evitar os desvios dentro da Ordem, mas em muito recriminou a corrupção existente sob várias formas (21).

No ano de 1274, quando se realizou o Concílio de Lyon, surgiu o rumor de que o Papa Gregório X resolvera impor à Ordem a propriedade coletiva. Novamente surgiram as divergências entre os Espirituais e a Ordem. Os Espirituais de Ancona rejeitaram a declaração do Papa, mas o capítulo provincial decidiu que os fanáticos deveriam ser presos. Nos anos seguintes se agravaram as perseguições aos Espirituais na região de Ancona, Toscana, Provença, etc. Em vão tentou Nicolau III impor a paz com a definição da pobreza (Bula *Exiit qui Seminatus*, 1279). Celestino V pensou em chegar a uma solução dando aos Espirituais o consentimento de fundar uma ordem separada e viver de acôrdo com seus princípios. Bonifácio VIII rejeitou tôdas as resoluções de seu antecessor e no concílio de Viena,

---

(19). — Vide *Fioretti*, cap. XLVIII, onde João de Parma é visto no ramo mais alto do centro da árvore que representa a Ordem.

(20). — Apêndice ao *Fioretti* — “De como São Francisco apareceu a frei Leão” e “De como frei Leão teve em sonhos uma visão terrível”. — O autor do artigo na *Cambridge Medieval History* cita com ironia que Salimbene (autor de uma crônica importante para a história da Ordem), que foi discípulo de Joaquim abandonou completamente tal doutrina e resolveu crer somente no que via”.

(21). — Vide G. G. Coulton, *Ten medieval studies*, Beacon Press, 1959. Nas páginas 187-188 está publicado o texto original da Epístola do ano 1257 de São Boaventura, onde descreve os males que assolavam a Ordem.

em 1312, foi designada uma comissão de teólogos para examinar os argumentos de ambos lados (representados por Raimond Ganfredi e Ubertino de Casali). Em 1312 Clemente V, na bula *Exivi de Paradiso*, proibiu a aquisição de terras e edifícios fixos. Diferenciou entre o *usus pauper* e o *usus moderatus*. Porém, isto não satisfez os Espirituais e nem terminou com as perseguições. Na Provença, os Espirituais se opuseram com a força contra seus perseguidores. João XXII os entregou a Inquisição.

Quatro deles foram queimados em Marselha no ano de 1318 e outros receberam o mesmo castigo durante êsses anos de luta, no sul da França. Outros na Itália, sob a direção de Ângelo Clareno constituíram uma nova Ordem. Outros grupos passaram a formar os *Fra-ticelli*, motivo de preocupação permanente da Igreja até o século XV.

Após a expulsão dos Espirituais em 1318, surgiu uma nova crise quando em 1322 toda a facção se filiou na luta contra o Papa. Em 1322 João XXII decretou duas bulas, uma permitindo aos franciscanos possuírem bens em nome da Igreja, outra declarando a doutrina franciscana da pobreza de Cristo e seus Apóstolos como herética. Na verdade a primeira bula mostrava que os franciscanos não eram coerentes com os seus ideais na prática, e a segunda dizia claramente que o fundamento teórico do ideal era uma heresia. A Ordem revoltou-se sob a liderança de Michael de Cesena, que apoiou o imperador Luís da Baviera na sua luta contra o Papa.

Porém, já nessa época, com a eliminação dos Espirituais, a maioria da Ordem tinha se adaptado à situação real: a de adoção de casas fixas e bens de raiz. Após o período prolongado de decadência da crença religiosa, devido à Peste Negra e cisão da Igreja, começou um movimento de renovação que, estendendo-se dos meados do século XIV, acaba por tomar forma final do século XVII.

\*

#### IV. — POSSÍVEIS CAUSAS DO FRACASSO E CONCLUSÕES.

##### a). — *A causa orgânica.*

Em todo o tempo que o movimento se limitou a uma pequena comunidade, uma “elite” espiritual, que vivia subordinada a uma disciplina natural, emanada da personalidade extraordinária de seu fundador e inspirador, teve realmente a possibilidade de conservar seus princípios. Com a expansão do movimento, o crescimento do número de irmãos, com a ramificação por lugares longínquos, de difícil acesso

(com as precárias vias de comunicação medievais) levou a enfraquecer o contacto íntimo existente na comunidade primária da Porciúncula. A “lei” ou a “disciplina natural” neste caso não era o suficiente para manter o caráter orgânico e unitário típico da comunidade em seus primeiros dias. A nova amplitude do movimento obrigou a criação de um quadro orgânico, com um poder centralizador que acabou exigindo de si mesmo estabilidade e fixação. A fiscalização, difícil na geografia medieval, passou a ser um instrumento de imposição do poder central (como aconteceu no govêrno de Elias de Cortona).

Difícil, portanto, nestas condições manter a pureza dos princípios. Em uma organização ampla o fundamento econômico impõe-se com maior facilidade e o movimento passa a ser rico, principalmente quando a Ordem torna-se popular e passa a receber as doações típicas do homem medieval, que quer assegurar salvação para sua alma no mundo *post-mortem*. Lutar contra estas doações exigia um espírito de desprendimento material nem sempre encontrado entre os responsáveis pela Ordem.

b). — *O fator da autoridade no mundo medieval.*

A sociedade eclesiástica medieval estava construída em forma piramidal, hierárquica, que implicava em dependência mútua, dentro de uma definição clara de direitos e poderes em cada nível ou escala da estrutura social. Atraz desta organização hierárquica encontra-se a “obediência” como fundamento (entre senhor e vassalo, entre senhor e rei, entre mestre e aprendiz, etc.). Acima de tudo a Igreja acentua êste traço, seja por acúmulo de uma longa tradição, em que o poder papal gradativamente se afirma na *societas christiana* ocidental, bem como o seu caráter universal sôbre cujo poder central o Papa é o representante da entidade divina sôbre a terra. A obediência é exigida para a conservação da unidade da organização ou do corpo eclesiástico. Esta unidade é forte, pois ela se fundamenta na “crença”. Esta “crença” é una e não permite a existência de outra crença a não ser ela mesma (sòmente no mundo moderno surgirá o “direito de pensar diferente”). Uma fôrça, um poder fiscalizador é o que determina esta crença em sua manifestação prática. Quando São Francisco quis fundar uma nova Ordem, com certeza êle buscava a aprovação papal, pois sem esta aprovação pouco valor real teriam os seus ideais. Na sociedade estamental, onde a Igreja justificava seu caráter por um imperativo divino, adquiria o conceito “obediência” um aspecto muito grave. “Ao considerar que a relação com Deus se faz como a relação pessoal entre o vassalo e o senhor, com a mesma obrigatoriedade de honra, a “crença” em Deus aparece na consciência ético-religiosa do

homem feudal como “fidelidade” a Deus, que vai confirmar o conceito eclesiástico de *fides* (22).

A crueldade no extermínio dos heréticos reflete tal situação, ao mesmo tempo que revela a ligação do cavaleiro feudal como instrumento de ação prática da Igreja medieval. Na relação estamental, em nosso caso, o seu representante papal, ou a facção que domina a Ordem, não pode reconhecer o direito de existência de opinião da minoria. A não ser que se oficialize esta opinião, pela autoridade eclesiástica, a minoria estará sujeita fatalmente ao extermínio e à perseguição. Esta foi a tragédia dos Espirituais. Assim, a falta de tolerância religiosa interna, junto com a conservação aparente de unidade e disciplina externa, levaram forçosamente ao fenômeno comum na Ordem ou seja “a parte injusta dizima a parte justa”.

Neste mesmo contexto o movimento aparece como “revolucionário” em relação ao caráter da Igreja na época (assim como o de Pedro Waldo). Perante o papado se apresentam as duas possibilidades: ou absorver o movimento no seio da Igreja ou liquidá-los como herético. Aqui vemos a genialidade de estadista de Inocêncio III ao reconhecer o movimento, pois o “lôbo precisa dar a chance ao cordeiro de se aproximar dêle para devorá-lo”. Em outras palavras, quebrar a possibilidade da oposição se formar, e permitir ao tempo fazer o seu papel. O cardeal Ugolino teve um papel preponderante, dentro da orientação traçada pelo papa Inocêncio III. Não é espantoso que desde os inícios do movimento um príncipe da Igreja teve o papel de conselheiro, mediador, apaziguador nas suas questões internas?

Nesta época, em que o impulso da reforma gregoriana — lançada dezenas de anos antes — tinha como meta purificar a Igreja, justifica-se também a posição do papa Inocêncio, que via na Ordem um instrumento auxiliar para as suas intenções reformistas de grande vulto. Inocêncio não viu somente o aspecto político da questão, mas é de se supor que acreditasse na retidão, na pureza, dos ideais franciscanos. Numa época em que a corrupção não era rara no corpo eclesiástico, com o correr do tempo, nem a Ordem franciscana conseguia escapar às chagas que corroíam o corpo da Igreja.

Expressiva é a descrição de Bonaventura:

“But now, because of the urgent perils of the times and wounds of consciences, and likewise scandals of worldly folk, to whom the Order, whereas it ought to be a mirror of all holiness, is being turned to weariness and contempt in divers parts of the world; (therefore), neither altogheter keeping silence, nor altogheter expressing (what I think); neither making new laws nor inflicting bonds (on the Brethren) nor binding and laiynng grievous burdens upon others,

---

(22). — Alfred Von Martin, *Sociologia de la Cultura en la Edad média*.

— but as an announcer of truth, I briefly explain (seeing that they ought by no means to be left unsaid) the things wick seem to me, after consultation with the Representatives of the Order, to need correction. In truth, when I seek out the causes why the splendour of our Order in in a manner eclipsed, the Order is tainted without, and wihin the clearness of consciences is befouled, there occurs to me (1) the multiplicity of (worldly) businesses, wherein money (the enemy above all things to the poverty of our Order) is greedily sought for, incautiously received, and more incautiously touched (2). There occurs the idleness of some Brethren, wick is a cesspool of all vices, wherein vary many beings sunken, choosing some monstrous state between contemplative and active life, not so much carnally as cruelly eat the blood of (men's) soul (3). There occurs the wandering abroad of very many, who, for the solace of their own bodies, burdening those whom they pass, leave behind them not examples of life but rather scandals of souls (4). There occurs importunate begging, whereby all who pass through the lands so abhor meeting the friars that they fear to fall in with them as (to fall in) with robbers (5). There occurs the sumptuous and curious construction of buildings, wick troubles the peace of the Brethren, burdens their friends, and exposes us in a manifold ways to the perverse judgments of men (6). There occurs the multiplication of familiarities, which our Rule prohibits, whereby arise very many suspicions, evil reports and scandals”.

“For though there are very many to be found who are not guilty in any of the aforesaid points, yet this curse involves all, unless those who do the things are resisted by those who do them not, since it is clear than daylight that all the aforesaid tend to the very great and in no wise to be concealed detriment of our Order: although to the lukewarm, to the in devout, to the worldly-wise — who consider the custom (which has grown up) and allege the multitude (of those who do these things) — they appear easy and excusable, nay, even as irremediable” (23).

c). — *O ingresso nas Universidades.*

A medida que a Ordem penetrou nas Universidades, fortificou-se a tendência de sua fixação na Ordem. O elemento humano, que se filiava agora no movimento era bem diverso daquele dos primeiros discípulos. Eles apresentavam a necessidade de casas cômodas, de livros, o que a vida mendicante não possibilitava. O estudo se contradiz com o princípio da pobreza absoluta. A concorrência com os dominicanos foi o que fortificou a ligação da Ordem com as Universidades, e sintomático é o fato de que os primeiros desvios se fizeram sentir em Bolonha, famosa como centro de estudos. Mais tarde o

---

(23). — Vide G. G. Coulton, *Ten medieval studies*, Beacon Press, 1959, pp. 181-182.

estudo fará parte do franciscanismo, como já descrevemos páginas atrás.

d). — *O caráter contraditório dos princípios.*

E' possível entender que o nível de exigências pessoais do verdadeiro franciscano eram pesados em demasia, se os observarmos em termos humanos comuns. Os ideais originais exigiam qualidades pessoais não comuns de seus adeptos, que aspiravam a viver segundo os mesmos. Na verdade poucos eram os qualificados para tanto, pois mesmo entre os primeiros discípulos de São Francisco, vemos as suas lutas internas, suas tentações os aproximaram do fracasso.

Não podemos esquecer que São Francisco exigia uma imitação da vida de Cristo e seus apóstolos, o que em tempo algum foi aspiração fácil de ser realizada e tão pouco no mundo medieval. O franciscano vivia o drama do religioso, que até os últimos momentos de sua vida terrena não sabia se conseguia suportar o pêso do cotidiano, do não divino, do terreno e passar incolume através dêle.

O viver em harmonia com o mundo das coisas e dos homens levará, afinal das contas, alienar-se do mundo real, isto é, isolar-se, não ter contato com os homens e com a vida em sua cotidianidade. O franciscanismo debateu-se desde seus inícios entre os dois extremos: o ideal do isolamento, da contemplação individual, do eremita e o ideal do missionário, de pregar a palavra evangélica às multidões, de aproximação às criaturas para ajudá-las, consolá-las e aproximá-las ao entendimento divino. O próprio São Francisco tateou entre os dois extremos, que em última instância se formularia como a salvação individual ou a salvação do próximo. A Ordem teria de decidir qual a tendência que seguiria no futuro.